

POEIRA, PIPOCA, POEIRA, PIPA, POEIRA

Fernanda Pequeno

A poeira que se deposita sobre objetos e em ambientes diz respeito não apenas ao cotidiano prosaico. Ela também lembra as coisas esquecidas, os resíduos que indicam a ação do tempo ou a falta de importância de determinadas posses, que ficam um período sem uso ou no mesmo lugar. Pode, ainda, ser simbolicamente associada à ruína cuja “sujeira” é gerada por catástrofes naturais, reformas ou simplesmente pela passagem de dias, anos ou séculos.

A poeira forma-se por micropartículas de terra ou areia que, levadas pelo ar, se depositam nas superfícies. Essas partículas desprendem-se também das paredes que se dilatam pela ação do sol ou do calor, do cigarro queimado, dos carros, das indústrias, ou seja, é impossível viver sem gerar resíduos. Se, porém, em pouca quantidade, a poeira é quase imperceptível, acumulada sugere repulsa, porque se confunde com resquícios maiores que geram o lixo.

Em sua busca de assepsia, o homem foi cada vez mais excluindo as camadas de tempo que se adensam. Não apenas porque elas causam doenças, mas também porque ao pó foi-se associando uma ideia negativa de falta de cuidado. Se, em sua maioria, os homens querem afastar a “sujeira” que causa alergia ou denota melancolia e outros males, o que propõe Bete Esteves, ao criar máquinas que captam e acumulam a poeira da casa, do ateliê ou do espaço expositivo?

A artista se interessa pela inutilidade positiva que a relação entre arte e engenharia proporciona. Produz “quimeras maquinicas”¹ que nada mais são do que traquitanas inventivas, esculturas-máquinas, cujo funcionamento só é utilitário poeticamente.

Bete Esteves vem desenvolvendo a pesquisa com poeira desde que passou a dividir um ateliê localizado no interior de uma fábrica têxtil, no Rio Comprido, Zona Norte do Rio de Janeiro. Pelo viaduto e pelo túnel que cortam o bairro passam diariamente carros e ônibus em grandes quantidades, o que faz com que os objetos do ateliê fiquem cobertos por camadas espessas de pó. A artista resolveu tirar partido desse ambiente “insalubre”, passando a criar esculturas que adensam os resíduos depositados.

Dust printer, como sugere o título, funciona como uma impressora de poeira. Um carrinho de acrílico se movimenta no chão, sendo acionado por um circuito eletrônico e um sensor de movimento. Nele estão depositadas uma folha de papel e uma máscara de acrílico em formato estelar, que lembra um ralo. Após o período de captação, na folha imprime-se a imagem de uma estrela que, ao se acumular com outras impressões, gera constelações pueris.



Bete Esteves, *Puerile*, 2012, 100 x 20 x 20mm
Objeto escultórico composto de caixa de acrílico, cooler e papel

Puerile registra e grafa as partículas dispersas pelo ambiente. As esculturas (uma vertical e uma horizontal) são individualmente formadas por uma caixa de acrílico dotada de ventoinha, que imprime sobre folhas de papel a poeira captada no espaço circundante. Aqui não se formam imagens, mas acúmulos de partículas que se adensam com o passar do tempo.

Há também uma instalação com livros, na qual a poeira age como uma película que reveste a parte

superior das publicações. O verso “fica um pouco”, do poema “Resíduo”, de Carlos Drummond de Andrade, é impresso através de uma máscara posicionada sobre os livros, que são antigos e escolhidos pelos títulos que se relacionam com a solidão e as coisas esquecidas.

Essa parte da produção artística de Bete Esteves dialoga com séries de trabalhos de Sean Miller, Vik Muniz e Xu Bing. Em obras fotográficas ou instalativas, esses artistas acionam a poeira para criar trabalhos de arte contemporânea que a utilizam como material e ponto de partida conceitual.

A poética de Bete Esteves também se relaciona com a filosofia de Georges Bataille. Em um pequeno texto de 1929, publicado no Dicionário Crítico da revista *Documents*, o autor não forneceu uma definição clássica de poeira, descrevendo-a da seguinte maneira:

Os contadores de histórias ainda não perceberam que a Bela Adormecida teria despertado sob espessa camada de poeira, nem têm previstas teias da aranha sinistra que teriam sido dilaceradas no primeiro movimento de seus cabelos vermelhos. Enquanto isso, as folhas sombrias de poeira invadem constantemente moradas terrenas e uniformemente as contaminam: como se fosse uma questão de preparar sótãos e salas antigas para a ocupação imanescente das obsessões, fantasmas, espectros que o odor decadente da antiga poeira nutre e intoxica.

Quando as jovens meninas rechonchudas, ‘damas de todo trabalho’, armam-se todas as manhãs com um grande espanador ou mesmo um aspirador de pó, elas não estão, talvez, completamente cientes de que estão contribuindo, cada qual com seu bocado, tanto quanto o mais positivista dos cientistas para dissipar os

fantasmas prejudiciais que a limpeza e a lógica abominam. Um dia ou outro, é verdade, a poeira, supondo que ela persista, provavelmente começará a ganhar vantagem sobre empregadas domésticas, invadindo as ruínas imensas das construções abandonadas, estaleiros desertos; e, naquela época distante, nada restará para afastar terrores noturnos, por falta de que nós nos tornamos tão grandes guarda-livros...²

A origem humana e sua relação com o pó (“do pó viestes e ao pó voltarás”) parecem, entretanto, não assustar Bataille ou mesmo lhe provocar paralisia ou uma postura melancólica diante da transitoriedade da vida. É desse modo que a produção de Bete Esteves se aproxima do pensamento do autor. Ambos tratam desse lado não purista, utilitário ou limpo do ser humano.

Se, em sua filosofia, o francês valorizou a inutilidade da arte, em sua pesquisa Bete Esteves vem-se debruçando sobre o escangalhar da máquina e sobre o viés menos pragmático do ser humano, sua porção lúdica.

Usualmente, o homem adulto deposita no esquecimento as coisas “sem importância” da infância. É dessa maneira que Bete Esteves vem recuperando o muito grande e o muito pequeno, brincando com escalas de tamanho, de valor e de complexidade.

Para criar máquinas desfuncionais, a artista faz uso de projetos detalhados, que exigem pesquisa, o domínio técnico e a utilização de mão de obra especializada, acionando diferentes campos de saber. Recupera, então, através de suas engenhocas, a inventividade e a capacidade infantil de maravilhar-se.

E também não podemos deixar de indicar a ironia que a artista opera. Pois se tradicionalmente à



Bete Esteves, *Claras em Neve I*, 2013
Still de vídeo

poeira se associa o velho, o superado (“a arte empoeirada”), Bete Esteves, ao contrário, propõe o uso de máquinas contemporâneas que adensam essas partículas, em um movimento de captação do que é invisível.

É dessa forma que sua operação artística é dupla, pois desfuncionaliza essas máquinas (afinal, quão utilitária é uma escultura que imprime poeira?) e torna positivo seu uso. Redesperta no homem, assim, suas capacidades de sorrir e de jogar que, segundo Bataille, possibilitaram que a arte nascesse.

Ao propor essa espaço-temporalidade não pragmática do jogo, da brincadeira e da arte, Bete Esteves criou uma pipoqueira formada por uma bicicleta invertida e um dispositivo sonoro. Como se fora a concretização de um sonho de

criança, ao girar o pedal, ouve-se o barulho dos milhos estourando e é como se sentíssemos o cheiro da pipoca.

As leituras não param por aí, em função da relação que estabelecemos com Marcel Duchamp e de a bicicleta mais importante da história da arte não deixar de estar presente. Tal fato amplia a ideia de jogo acionada por Bete Esteves, utilizando-o também como estratégia e linguagem.

A artista também criou frágeis pontes de palitos cuja complexa engenharia e demorada construção tem única e exclusivamente a função de transpor poças d'água formadas durante ou após a chuva. Bete Esteves traz para o dia a dia, assim, a engenhosidade de uma obra nada trivial, mas fantasiosa.

Na instalação *Leve*, três vídeos de animação focalizam o desaparecimento e o reaparecimento de pipas presas em fios de eletricidade. Projetados em dispositivos eletrônicos dentro de monóculos, duas temporalidades se impõem: a arcaica desses objetos fadados ao desaparecimento e a atualidade dos *tablets* que exibem os vídeos.

Brincando com a situação prosaica de pipas que se prendem em condutores elétricos, a artista as retira do esquecimento. Evidencia, assim, o imperceptível dessas cafifas, para as quais normalmente não atentamos ou não damos importância.

Na mesma direção, os vídeos *Claras em neve I e II* transformam luminárias públicas em hastes de bateadeira e as nuvens do céu nas claras em neve do título. Novamente jogando com o poder imaginativo do espectador, a artista deflagra outros olhares para o cotidiano.

Despertando outros sentidos, como olfato e paladar, Bete Esteves aguça no espectador a capacidade inventiva que as crianças e o artista



Bete Esteves, *Leve*, 2013
Animação de três minutos em looping, tablet de 7 polegadas e monóculo de acrílico com tripé sobre rodízio

possuem. Acionando a fantasia e a fabulação, que costumam ser pouco valorizadas no homem adulto, com suas traquinanas a artista se reencanta e reencanta o mundo a seu redor.

É assim que as engrenagens de Bete Esteves proporcionam um olhar mais sensível para o cotidiano. Suas máquinas, assim como os humanos, escangalham, enferrujam, quebram. E é justamente aí que reside sua poesia. De seus dispositivos emanam sons, odores e sabores, ficando deles um pouco em nós e de nós um pouco neles.

Ainda bem que de tudo fica um pouco. É a partir desses resíduos que constituem a vida que Bete Esteves produz os seus trabalhos. No lugar da loção, para abafar o insuportável perfume de mofo,

riamos, toquemos, espirremos e sintamos os cheiros da poeira, da pipoca, da poeira, da pipa, da poeira e continuemos brincando com o trava-línguas. Antes de recomeçar, porém, é preciso parar e perguntar: *você já olhou para o céu hoje?*

NOTAS

1 A artista define sua produção escultórica como quimera maquinica, numa confluência de montagens e desmontagens de arranjos desfuncionais da arte com a engenharia reversa, a biologia e a eletrônica. Unindo sonho, fantasia e ciência, as máquinas quiméricas de Bete Esteves não são mecânicas. Poderiam figurar no inventário de Jorge Luis Borges d'*O Livro dos seres imaginários*, já que fundem homem, objetos, animais e ferramentas. Nas palavras da artista: "imprevisíveis e temperamentais, [elas] rejeitam a produção normalizada e apresentam aspectos conturbados. Muitas destas quimeras invocam, além do desarranjo, a circularidade, o mito de Sísifo, a mágica, o truque, o riso e o divertimento".

2 "Poussière". In: *Georges Bataille. Oeuvres complètes I*. Paris: Galimard, 1970: 195.

Fernanda Pequeno atua como crítica de arte e curadora independente. Autora de *Lygia Pape e Hélio Oiticica: conversações e fricções poéticas* (Apicuri, 2013), tem publicado textos críticos em folders, catálogos de exposição e revistas. É coordenadora de Artes Visuais do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp/Uerj), onde atua como professora-assistente de artes visuais e de história da arte. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (EBA / UFRJ), realizou o estágio de doutorado PDEE (bolsa sanduíche Faperj) no Chelsea College of Art & Design, Londres, em 2012. Co-orienta no Rio de Janeiro o Observatório: produção e reflexão em arte contemporânea, grupo de discussão teórico-prática, com foco na produção recente da arte contemporânea.

Bete Esteves, *Sem Título*, 2013
Livros de formatos variados, máscara vinílica e poeira

